



CINEMA

LITERATURA

FALE CONOSCO

MUSICA

PIPOQUEIROS

TELEVISAO

PENSAMENTOS

busca

Ok



CINEMA

Tom Cruise para adultos

Por: Fábio Freire



Cansado de estrelar comédias românticas. Então tire a roupa e atue em um *thriller* erótico (como Meg Ryan no suspense *Em Carne Viva*). De saco cheio do papel de bom moço. Simples, una-se a um diretor renomado (Sam Mendes) e interprete um assassino (Tom Hanks em *Estrada para Perdição*). Em busca de um prêmio. Não precisa pensar muito, viva uma personagem real (Julia Roberts em *Eric Brocovich*, Nicole Kidman em *As Horas* e Charlize Theron em *Monster*). Não é de hoje que astros e estrelas de Hollywood investem em papéis controversos e inusitados para mudar de imagem e alavancar suas carreiras. Até o brasileiro Rodrigo Santoro já tentou o mesmo ao fazer um travesti em *Carandiru*. Isso é até bem comum e esses são apenas alguns exemplos recentes.

O grande chamariz de *Colateral*, novo trabalho de **Michael Mann**, que já mudou a imagem de Russell Crowe no excelente *O Informante* e de Will Smith na cinebiografia *Ali*, é a transformação do astro **Tom Cruise** em vilão. De barba e cabelos grisalhos, o ator passou por uma mudança radical no visual. Tudo isso para interpretar um assassino que seqüestra um taxista (o ótimo Jamie Foxx) para que este o acompanhe durante uma noite em que ele precisa matar cinco importantes testemunhas de um determinado caso. Mas o filme vai muito além de um mero capricho de astro para se desvincular da imagem de galã. Mesmo porque não é a primeira vez que Tom Cruise aposta nessa tática. De diferentes maneiras, produções como *Nascido em 4 de Julho*, *Entrevista com Vampiro* e *Magnólia* já haviam se utilizado desse tipo de marketing.

Mas não há como negar que em *Colateral* as coisas são um pouquinho diferentes. Tom Cruise mergulha na personagem de Vincent e compõe um assassino frio e calculista, mas que, de alguma forma, acaba se envolvendo com o taxista Max. Mesmo sendo difícil esquecer que é o maior astro da atualidade que está lá na telona, é recompensadorvê-lo em tão boa forma interpretando um papel adulto e desafiador. Portanto, se você é daqueles espectadores que preferem berrar ou suspirar de alegria quando o galã aparece na tela, fuja de *Colateral*. Definitivamente, essa produção não é sua praia.



Apoiado em uma fotografia desconcertante e suja, no qual os tons escuros são quebrados por luzes bem direcionadas, e em um trilha sonora ora intimista, ora barulhenta, o diretor Michael Mann componhe um filme

ATUALIZAÇÕES

28/08 A música desconfortante do Fossil [*Fossil - Desconforto*]

23/08 Gata escalada [*Mulher-Gato*]

22/08 Comemorando 20 anos de catimba [*Korzus - Ties Of Blood*]

22/08 Lista dos premiados [32º Festival de Gramado - Premiados]

21/08 Chegando na reta final [32º Festival de Gramado (5º Dia)]

► DO MESMO AUTOR

Maturidade sob duas rodas [*Diários de Motocicleta*]

Salada mista pop e pós-moderna [*Kill Bill - Vol 1*]

Dor de cotovelo desrotulada [*Brilho Eterno de Uma Mente Sem Lembranças*]

O poeta está vivo! [*Cazuza - O Tempo não Pára*]

Trash moderno [*Jogo de Sedução*]

LEIA TAMBÉM

18/10/2003 365 boas razões para acessar o PoppyCorn

22/10/2003 Tornando-se obsoleto [*O Exterminador do Futuro 3: A Rebelião das Máquinas*]



elegante que alterna belíssimas tomadas aéreas com *closes* quase claustrofóbicos e que procuram estabelecer o caráter das personagens. É através jogo de câmera e olhares dentro da cabine do táxi que o diretor descortina a relação entre Max e Vincent ou entre o taxista e a bela Annie (Jada Pinkett Smith). Aliás, esses são os melhores momentos do longa, já que Mann opta, acertadamente, por desglamourizar os assassinatos, deixando o filme com cara de suspense psicológico.

Porém, nem tudo são flores em *Colateral*. A partir de um determinado ponto a produção deixa o estudo das personagens de lado e envereda pelo caminho mais óbvio, transformar o taxista Max em herói. Aí o roteiro fica confuso, a edição acelera e *Colateral* vira mais um filme de verão na multidão, daqueles no qual as mais improváveis coincidências atropelam a credibilidade. Um exemplo é a cena da boate, onde tudo é apresentado de forma confusa e mal dá para entender o que está acontecendo. O final que apela para a fórmula de gato e rato também não ajuda, apesar de manter a tensão e o espectador com os olhos grudados na tela.

Ainda assim, com todos esses deslizes, *Colateral* é um filme interessante e feito para um público mais adulto e exigente. A produção consolida Michael Mann como um dos grandes diretores americanos da atualidade e Tom Cruise como um ator cada vez mais versátil, além de revelar a presença quase magnética de Jamie Foxx, uma das grandes promessas de Hollywood. Por tabela, ainda podemos conferir pequenas participações de Javier Bardem, Peter Berg e um irreconhecível Mark Ruffalo (que só esse ano já deu as caras no suspense *Em Carne Viva*, na comédia *De Repente 30* e no imbatível *Brilho Eterno de Uma Mente sem Lembranças*).



29/08/2004

[Voltar](#)